



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS

ROBERTO PIVA: O POEMA COMO REVOLTA E VAGABUNDAGEM
NA CONTRAMÃO DE UMA POLÍTICA DA VELOCIDADE

MALENA DE CARVALHO BUENO

RIO DE JANEIRO
QUASE NATAL DE 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS

ROBERTO PIVA: O POEMA COMO REVOLTA E VAGABUNDAGEM
NA CONTRAMÃO DE UMA POLÍTICA DA VELOCIDADE

MALENA DE CARVALHO BUENO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras, realizado sob orientação do Professor Doutor Manoel Ricardo de Lima Neto.

RIO DE JANEIRO
QUASE NATAL DE 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS

**Roberto Piva: o poema como revolta e vagabundagem na contramão de
uma política da velocidade**

Por

Malena de Carvalho Bueno

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

(Professor Doutor Manoel Ricardo de Lima Neto)

(Professora Doutora Júlia Vasconcelos Studart)

RIO DE JANEIRO
QUASE NATAL DE 2023

e aí fui embora, acendi um cigarro, agoniado,
unha mastigada, lixeira caída,
minha casa não existe, família eu destruí,
poetas foram jogar bola na Itália,
aqui, tudo é obra. (malena, 2023)

AGRADECIMENTOS

Às professoras, professores, funcionárias e funcionários da Escola de Letras da UNIRIO, sem exceção, pelas experiências, trocas, conhecimentos e bagagens que me apresentaram.

Ao professor Diego Vargas, com quem pude fazer Monitoria e participar do grupo de Extensão FORPEL, fortalecendo mais ainda o meu vínculo com a universidade. Mais do que isso, por ter me dado aula no segundo período da faculdade, momento em que pude ter certeza de que era lá que eu queria estar.

À professora Carla Miguelote que, durante todas as aulas que foi responsável, me inspirou a ser parte de quem sou hoje.

À professora Ana Carolina Coelho, o suspiro leve de arte e tecnologia em meio às ruínas.

Ao professor Marcelo Santos, com quem tive a felicidade de descobrir como é passear estando dentro de sala de aula.

À professora Giselle Sarti que, com toda sua inteligência, doçura e dedicação, levou luz à UNIRIO.

Ao professor e grande parceiro Manoel Ricardo, aquele que me instigou a pesquisar e ir atrás das minhas próprias bagagens.

Ao Bilhete Único Universitário, dado que, não fosse por ele, eu não terminaria nem o primeiro período (mas precisa ser estendido para todo o Rio de Janeiro, não só a capital!). E também à todas as políticas públicas que tive acesso, apesar de o Governo da época (2018-2022) ter tentado acabar com todas elas.

À todas as pessoas que passaram por mim e deixaram seus pedaços e resquícios pelo caminho em que ando todos os dias.

vocês lerão agora a poesia de um jovem que tem vinte e três anos porque não teve coragem de matar-se aos quinze e por isso arrasta-se pelo mundo sem Deus nem Amo pregando novas vivências contra a sociedade negociante amando jazz, Beethoven, Nietzsche, Dostoievsky, Kierkegaard, Sartre aceitando Marx, Engels, Bakunin, Kropotkin, influenciando-se por Sá-Carneiro, Pessoa, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Drummond, Vinicius recomendado à juventude ser contra os policiamentos interiores e exteriores, achando que o cristianismo deve suicidar-se. (PIVA, 1961, apresentação de poesia na participação da “Antologia dos Novíssimos”, editada por Massao Ohno)

RESUMO

Este trabalho toma como ponto de insurgência o livro *Paranóia*, de Roberto Piva (1937-2010), numa articulação entre corpo, pensamento e rua, até tocar alguns desdobramentos dessa relação orgânica como elemento constitutivo do poema, da poesia, em direção a práticas políticas de exceção contrárias às formas de vida impostas pelo sistema capitalista, tais como a revolta e a vagabundagem. No presente trabalho de conclusão de curso, pretende-se desenvolver uma leitura crítica a partir de algumas perspectivas abertas pela poesia de Piva em torno das relações orgânicas entre corpo, pensamento e rua. As imagens da poesia de Piva se lançam e se enlaçam com a cidade de São Paulo, atravessando linhas sonoras de uma oralidade ao mesmo tempo própria e inespecífica da vida nas grandes cidades. O livro de Roberto Piva arma uma tensão entre algumas imagens, fotografias em alta velocidade e, numa sobreposição, poemas em alta velocidade. São estas linhas de força e velocidade, tais como lidas pelo filósofo francês Paul Virilio em seus livros "Guerra Pura", "Velocidade e política" e "Espaço Crítico", principalmente, filósofo aliás muito presente na biblioteca e no pensamento de Roberto Piva. Assim, a ideia do trabalho é percorrer o livro de Piva a partir das relações entre política e velocidade, retiradas de Paul Virilio, e como o poeta de São Paulo incorpora essa tensão em seus poemas e imagens do *Paranóia* em direção às ideias e práticas da revolta e da vagabundagem.

PALAVRAS-CHAVE: Vagabundagem. Revolta. Velocidade. Política. Poesia.

ABSTRACT

This work takes as its foundation the book "Paranóia" by Roberto Piva (1937-2010), in articulation between body, thought, and the street, until touching some unveilings of this organic relationship as a constitutive element of the poem, the poetry, toward to political practices of exception that oppose the forms of life imposed by the capitalist system, such as revolt and vagrancy. In this undergraduate thesis, one aims to develop a critical reading based on some perspectives opened by Piva's poetry around the organic relationships between body, thought, and the street. The images in Piva's poetry launch and intertwine with the city of São Paulo, traversing sound lines of an orality simultaneously specific and unspecific to life in large cities. Roberto Piva's book sets up a tension between some images, high-speed photographs, and, in overlap, high-speed poems. These lines of force and speed, such as read by the French philosopher Paul Virilio in his books "Pure War," "Speed and Politics," and "Critical Space," primarily, a philosopher notably present in Roberto Piva's library and thought. Hence, the idea of the work is to explore Piva's book through the relationships between politics and speed, taken from Paul Virilio, and how the poet from São Paulo incorporates this tension into his poems and images from "Paranóia" towards the ideas and practices of revolt and vagrancy.

KEYWORDS: Vagrancy. Revolt. Speed. Politics. Poetry.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. Velocidade	15
2.1. “De quem fugiu de sua cidade destruída e foi em direção a uma cidade que ainda precisa ser construída”	15
2.2. A vagabundagem	20
3. Política	26
3.1. A praça	26
3.2. A máquina de guerra	31
4. CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1.

Introdução

Eu estou farto de muita coisa
não me transformarei em subúrbio
não serei uma válvula sonora
não serei paz
eu quero a destruição de tudo que é frágil
(PIVA, 2005, p. 126)

Roberto Piva nasceu em 25 de setembro de 1937, em São Paulo. Sendo poeta e sociólogo formado – o que o fez sobreviver dando aulas de estudos sociais e história –, foi na literatura que estreou através da *Antologia dos Novíssimos* (1961), com 23 anos de idade, na qual lançaram vários poetas brasileiros iniciantes, e logo após publicou sete livros de poemas: *Paranóia* (1963), *Piazzas* (1964), *Abra os olhos e diga ah!* (1976), *Coxas* (1979), *20 poemas com brócoli* (1981), *Quizumba* (1984) e *Ciclones* (1997). Com o livro *Paranóia*, se destacou por ser classificado como um “poeta maldito” e transgressor. Homossexual, escrevia contra os meios de repressão aos indivíduos. Com uma paixão desmedida pela vida, colaborou em vários jornais de imprensa alternativa e refletia os modos da busca de prazeres e sensações. Em 1976, participou da importante antologia *26 poetas hoje*, trabalho organizado por Heloisa Buarque de Hollanda. No ano 2000, foi reconhecido novamente pelo seu trabalho ao ser acrescentado na obra *Os 100 melhores poemas brasileiros do século*, organizado por Italo Moriconi. Sergio Cohn (2012) apresenta mais conquistas de Piva:

A editora Globo publicou suas obras completas em três volumes: *Um estrangeiro na legião* (2005, com poemas da década de 1960), *Mala na mão & asas pretas* (2006, com poemas das décadas de 1970 e 1980) e *Estranhos sinais de Saturno* (2008, com poemas das décadas de 1990 e 2000). (COHN, 2012, p. 79)

Piva, até seus 15 anos de idade, estudou no Colégio Mackenzie, na capital, e nos finais de semana voltava para a fazenda de seu pai, que ficava entre Brotas e Analândia. Assim, o poeta viveu na capital e no interior ao mesmo tempo. Rimbaud (1854-1891) e Jorge de Lima

(1893-1953) eram lidos pelo poeta durante os anos de 1959; dois anos mais tarde, em 1961, se tornou aluno de um curso sobre *A Divina Comédia*, ministrado pelo professor Edoardo Bizzarri (1910-1975), no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, onde marcou para sempre a visão de mundo, de política e de poesia de Piva. O estudo se tornou essencial para o início da construção poética de *Paranoia*, sua obra inaugural, visto que, nesta obra de Dante Alighieri (1265-1321), há uma descrição feita por Piva que mostra como a poética “tem de loucura, iluminação, beleza & linguagem cinematográfica em plena Idade Média” (PIVA, 2011, p. 13). No poema “Stenamina Boat”, a influência literária caída sobre Piva aparece ao referenciar dois personagens de *A Divina Comédia*:

Eu queria ser um anjo de Piero della Francesca
 Beatriz esfaqueada num beco escuro
 Dante tocando piano ao crepúsculo. [...] (PIVA, 2005, p. 84)

Não é nem um pouco incomum ver, nas obras de Piva, referências a diversos artistas de diferentes momentos históricos da arte. Em *Paranóia*, por exemplo, há referências a Mário de Andrade (1893-1945), Jorge de Lima (1893-1953), Álvares de Azevedo (1831-1852), Lautréamont (1846-1870), Federico García Lorca (1828-1936). No livro *Ciclones*, em “Poema vertigem”, é encontrado autores e obras que Piva venerava, como *Invenção de Orfeu* (1952). Em *Coxas*, há um poema que se intitula “Pornossamba para o Marquês de Sade”. Na obra *20 poemas com brócoli*, um poema é dedicado ao “mestre Murilo Mendes”. Em “Pizzas I”, o eu-lírico cita Byron (1788-1824). No poema “O Parque de Ibirapuera”, de *Paranóia*, o poeta cita Mário de Andrade ao dizer que seus poemas regam a sua imaginação, e, por fim, “Jorge de Lima, panfletário do caos”, poema dedicado para o próprio ainda no *Paranóia*. Sem contar todas as outras referências encontradas nesse mesmo livro. Cada referência não é usada ao acaso, já que as leituras de Piva o inspiravam com algum intuito.

Quando ficou afastado da produção literária por um tempo, foi nos anos de 1970 que se tornou produtor de shows de rock em São Paulo, uma cidade que lhe parecia apocalíptica e que o forneceu um cenário bastante propício para a sua obra poética. Por ter medo de avião, o poeta dificilmente se afastava da cidade, embora viajasse pelo litoral sul a fim de se refugiar e de realizar seus rituais xamânicos, momento em que entrava em contato com seu animal xamânico, o gavião, através do tocar de tambores. Sua ligação sagrada com a natureza é, para Piva, a única salvação possível ao mundo moderno, que colocou a destruição da natureza como parte do seu projeto consumista. O poeta, para desenvolver o culto ao primitivo e às forças da natureza,

buscou elementos em teóricos como Mircea Eliade, mas sobretudo nas culturas indígenas brasileiras e na prática do candomblé.

Em contrapartida a essa trajetória em direção ao sagrado, Piva encontrou na cidade de São Paulo a ingestão de drogas alucinógenas e bebidas prazerosas, com o intuito de fazer na contemporaneidade aquilo que os gregos faziam: o culto a uma erótica homossexual e a transgressão do desejo. Como referência, um poema do *Paranoia*:

Poema lacrado
 meu abraço plurissexual na sua
 imagem niquelada
 onde o grito
 desliza suavemente nos seios fixos
 a diminuta peça teatral estreando para os alucinados
 e as
 crianças instalavam transatlânticos nas bacias
 de água morna
 Tarde de estopa carcomida
 E pêssego com marshmallow no Lanches Pancho (PIVA, 2005, p. 88)

A poesia de Roberto Piva trata-se de uma poética de transgressão e erotismo. A quebra de fronteiras se faz em meio a paradoxos, em que carne se torna espírito e há uma flutuação entre vida & obra e contemporâneo & arcaico. Além do erotismo, também encontra-se na obra do poeta a chamada *vagabundagem*, cuja ideia veio da pesquisa vinculada ao projeto *Adormecer sobre os trilhos: políticas e memórias insubmissas da vagabundagem*, do Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima, Bolsista de Produtividade CNPq-PQ2, que desenvolve – como está indicado no projeto do referido professor – estudos e pesquisas a partir de uma proposição lançada pelo escritor americano Jack London (1876-1916), no livro *De vagões e vagabundos – memórias do submundo: “adormecer sobre trilhos”*. No projeto, o professor aponta que a questão aparece numa série de narrativas-ensaio e, ao mesmo tempo, projetada no que London chama de uma “paixão pelo socialismo”. Diz ainda que Jack London faz isso “entre memórias e circunstâncias políticas insubmissas em torno de uma ideia livre e ecológica, a *vagabundagem*, sugerindo-a como um jogo de forças contra as inferências sistêmicas e industriais do capitalismo moderno”. Nessa perspectiva, e segundo o Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima, “num percurso da luta de algumas imagens que vêm da literatura, das artes visuais e do cinema, visa-se imaginar e percorrer o desvio crítico produzido por esse princípio e ponto

de insurgência de uma ideia da *vagabundagem*, como Jack London a lê, principalmente, como uma tomada de posição política”.

Em suas obras, principalmente no livro *Paranóia*, a cidade de São Paulo comparece como um espaço expandido e erótico e, aí, nesse desenho sem cartografia, pode-se ler um princípio político com a experiência da vagabundagem durante os anos de 1960. O poeta, como um sentido de articulação com a vida, segundo a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, citada pelo professor Manoel Ricardo de Lima, tem uma grande afinidade que o liga aos vagabundos, e, por conta disso, o trabalho levou em conta, também, outros poetas que foram evocados pelas poesias de Piva, como Álvares de Azevedo, Antonin Artaud, Pier Paolo Pasolini, entre outros.

O trabalho concentra-se nas obras de Roberto Piva em *Paranóia*, com o intuito de fazer-se entender essa chamada “geografia imaterial da espécie terrestre”, citada por Jack London, compreendendo que os seres humanos são distribuídos como vagabundos, e, dentro disso, também são poetas, inventores de vida e sentidos políticos. A ideia de peregrinar está bastante ligada às obras do poeta, que anota o espaço e o tempo de inflexão do corpo nesse espaço, que é quase sempre urbano, com o ar aberto pela dimensão peregrina lançada sobre a vida cotidiana. Seguindo o que o professor Manoel Ricardo de Lima diz, o que pode ser levado ao poeta aqui escolhido, acerca de um “aquilo que é tomado por surpresa, um imprevisto, um acidente, o que despoja o pensamento despojando-se também de si mesmo, quando o sentido do ser está também numa entrada no não-saber e se pergunta: o que um pensamento despojado pensa? o que o não-saber não-sabe? E é isto, entendemos, que se dirige, quase irrevogavelmente à vagabundagem”.

A ideia se desdobra também numa projeção do poema, da poesia, em direção a uma deriva do corpo como prática política de existência, sempre numa contramão às imposições traçadas violentamente pelas formas de vida geradas pelo sistema capitalista: a revolta, tomando-a como um princípio, um ponto de começo, do caráter revolucionário do poema; e, ao mesmo tempo, a vagabundagem, não apenas como uma desistência ou um abandono, mas sim como uma força constitutiva de vida, uma sobrevivência.

O livro de Roberto Piva arma uma tensão entre algumas imagens, fotografias em alta velocidade e, numa sobreposição, poemas em alta velocidade. São estas linhas de força, tais como lidas pelo filósofo francês Paul Virilio em seus livros "Guerra Pura", "Velocidade e política" e "Espaço Crítico", principalmente, filósofo aliás muito presente na biblioteca e no

pensamento de Roberto Piva. Assim, a ideia é percorrer o livro de Piva a partir das relações entre política e velocidade, retiradas de Paul Virilio, e como o poeta de São Paulo incorpora essa tensão em seus poemas e imagens do *Paranóia* em direção às ideias e práticas da revolta e da vagabundagem.

Os poemas e imagens do livro de Roberto Piva são peças que podem nos fazer perceber melhor a violência que todo corpo inadaptado, desadequado às normas de um sistema imposto pela lei do mais forte, o Direito, que, por sua vez, segue a institucionalização também violenta do capital. O filósofo francês Paul Virilio toma esse impasse como um novo litoral. Qualquer domicílio, por exemplo, é ao mesmo tempo um porto de transporte de onde se pode medir a importância do fluxo social e prever seus desdobramentos. O trabalho tem o intuito de investigar e demonstrar a velocidade do tempo, numa medida ultracurta, inferida pela condição indômita do capitalismo, no contraponto do poema e, mais especificamente, nos poemas de Roberto Piva. Em meio a isso, o caráter de revolta e um desdobramento da condição de revoltoso que se lança até um projeto de tomada de posição política anticapitalista, o da vagabundagem. E, com isso, ler criticamente, nos poemas e imagens do livro *Paranóia*, a presença desses corpos cadentes, livres e tão velozes quanto a velocidade que imaginam perseguir na contramão.

Paul Virilio, em seu livro *Velocidade e Política*, apresenta uma perspectiva da vida nas ruas, que, para os operários desmobilizados e desempregados, é uma malha de trajetórias e avenidas por onde eles erram boa parte do tempo sem objetivo, sem destino, sob o assédio de uma repressão policial encarregada de controlar seus modos de vida. Assim, num desdobramento, percorrer a leitura crítica dos poemas de Piva a partir, também, das relações entre política e velocidade, tal como propostas por Virilio, e dar a ver os apontamentos desses corpos que aparecem nas imagens dos poemas com uma dimensão rigorosa e pertinente de liberdade, entre a palavra e as posturas que a palavra pode assumir quando é também pautada por um modo de uso plenamente livre.

O trabalho poético de Piva, com as fotografias do artista plástico Wesley Duke Lee e a parceria artística com Massao Ohno, fez de *Paranóia* uma grande e rara obra na Literatura Brasileira. Acerca disso, Cohn nos diz:

[...] é um dos mais belos livros de poesia já feitos no Brasil. Não apenas pelos poemas, mas também pelo objeto em si. O original, com o formato de um cartão postal, impresso horizontalmente para respeitar os versos longos dos poemas e o formato das imagens, as páginas leves em duplas

para as fotos não vazarem sobre o texto, é de uma delicadeza incrível. O diálogo entre os poemas do Piva e as imagens realizadas pelo artista visual Wesley Duke Lee é total, um caso raro de perfeita integração entre arte e texto, resolvidos pela edição meticulosa de Massao Ohno. As imagens, em preto e branco, fortes, contrastadas, foram produzidas especialmente para o livro, com os poemas já prontos. (COHN, 2012, p. 19)

Com isso, o presente trabalho busca analisar como o poeta Roberto Piva, na laceração convicta e crítica de seus trabalhos com o poema e o pensamento para o poema, convoca o conceito de vagabundagem como uma forma de vida e tomada de posição política no mundo, um pensamento que, como diz o Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima, “que promova modulações críticas da literatura com a arte, a política, a cultura e o pensamento”. E, com isso, ler num poeta brasileiro essa tensão da poesia, num choque com a velocidade e política, retomando a ideia que o já referido professor indica: a de que é preciso “imaginar o desvio crítico produzido pela vagabundagem, principalmente, como ponto de insurgência e como uma tomada de posição política”.

2.

Velocidade

Como escrevia o general Fuller: “Quando os combatentes se lançavam dardos, a velocidade inicial dessa arma era tal que se podia perceber sua trajetória e evitar seus efeitos com a ajuda do escudo, mas quando o dardo foi substituído pela bala, a velocidade era tão grande que aparar o golpe tornou-se impossível.” (VIRILIO, 1996, p. 126)

2.1. “[...] DE QUEM FUGIU DE SUA CIDADE DESTRUÍDA E FOI EM DIREÇÃO A UMA CIDADE QUE AINDA PRECISA SER CONSTRUÍDA.”

No livro *Paranóia* (1963), de Roberto Piva, encontramos poemas e fotografias, feitas pelo artista plástico Wesley Duke Lee, que vão de encontro com a chamada vagabundagem, uma forma de encarar o mundo e de ir contra as amarras do sistema capitalista. O poeta traz consigo as ruas de São Paulo nos anos 1960 e nos leva ao que o filósofo e urbanista Paul Virilio chama de política da velocidade. Para o autor, a massa não é um povo, uma sociedade; segundo ele, é uma multidão de passantes. Em seus pensamentos, o contingente revolucionário não atinge sua forma ideal nos locais de produção e sim na rua, quando deixa de ser, durante algum tempo, substituto técnico da máquina e torna-se, ele próprio, motor (máquina de assalto), isto é, produtor de velocidade (VIRILIO, 1996, p. 19). Nas obras de Piva, principalmente no *Paranóia*, a cidade de São Paulo comparece como um espaço expandido e erótico e, aí, nesse desenho sem cartografia, pode-se ler um princípio político com a experiência da vagabundagem durante os anos de 1960.

Outros poetas estão presentes em Piva, como forma de inspiração. Dentre as principais influências estão a poesia italiana, como no poema “L’ovalle dele apparizioni”, cuja epígrafe – “e quindi il vivere è di sua própria natura uno stato violento” – remete à obra *Operette morali* (1835), do poeta italiano Giacomo Leopardi; a geração beat (nas figuras de “angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos”, verso extraído de “Visão de São Paulo à noite – poema antropófago sob narcótico”); e o surrealismo, presente desde o primeiro poema de *Paranóia*, chamado “Visão 1961”: “As mentes ficaram sonhando penduradas nos esqueletos de fósforo invocando as coxas do primeiro amor brilhando como uma flor de saliva”.

Paul Virilio questiona se o asfalto seria um território político e se o Estado burguês, seu poder, será a rua ou estará na rua. É com esses questionamentos que o filósofo carrega a reflexão de que, apesar das investigações comprobatórias sobre os traçados urbanos, Virilio acredita que a cidade não foi prioritariamente percebida como habitat humano penetrado por uma via de comunicação rápida, isto é, pelo rio, estrada, litoral, via férrea etc.; Para ele, a rua, na verdade, é uma estrada atravessando uma aglomeração urbana, muito embora a legislação sobre a “limitação da velocidade” dos veículos nas cidades lembre uma continuidade de deslocamento e do movimento, que, na visão de Virilio, apenas a lei da velocidade pode modular. (VIRILIO, 1996, p. 21).

As ruas atualmente buscam na memória das poesias de Roberto Piva uma explicação para o que elas são e por onde passam. Andar pelas cidades grandes é enxergar a vagabundagem em diversos pontos, sejam becos, vielas, muros, esquinas etc. Néstor Perlongher, antropólogo e poeta, leu em Piva a sua realidade quando chegou no Brasil, e seus estudos, principalmente seus ensaios, demonstram claramente o porquê de o autor procurar em Roberto Piva as ruas que vivia em São Paulo nos anos 80, onde abordou profundamente a questão da prostituição e se viu em meio a essa velocidade que o engoliu.

Embora exista uma cidade real aos olhos de uma sociedade, Roberto Piva, em seus poemas, procurou inventar a cidade, isto é, uma cidade sem um valor universal e sem pontos fixos, que deve ser apresentada novamente, o que faz Virilio afirmar:

Não se trata do problema da fonte de luz, mas da relação como mundo. O mundo sobrevoado é um mundo produzido pela velocidade. É uma representação. Voltamos ao pessimismo de Shopenhauer, o mundo como representação, mas desta vez como representação da velocidade. (VIRILIO, 1983, p. 83)

O que Piva faz com a cidade, em suas poesias, é iluminá-la e tirá-la da sombra. Poderíamos dizer que as poesias do poeta são como uma forma de organização dita por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (1996), o rizoma que, do contrário de uma árvore, trata de uma forma de organização diferente, com um sistema de caules horizontais com crescimento fora do esperado, polimorfo, sem uma direção definida, conforme nos diz os próprios autores:

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num

rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE, GUATTARI, 1996)

Ao fazer uma poesia, Piva mostra a cidade como um quintal com a grama ocupando todo o território, mas com uma ocupação que não possui hierarquia ou ordem, é a invenção da cidade através da destruição do que é frágil e a descoberta de um mundo possível em meio às ruínas. Em uma entrevista para a Revista *Época*, Roberto Piva, perguntado qual é a diferença entre a poesia que fazia nos anos 60 e a de hoje, responde: “A essência é a mesma, motivada pela impossibilidade absoluta que tenho de me conformar. Minha poesia é magmática, manifesta-se como o magma dos vulcões, substância composta de uma infinidade de elementos. Sou um poeta que reflete centenas de influências, transformando essa matéria-prima em poesia. O estilo entre os poemas de ontem e de hoje mudou. Mas há de tudo, textos curtos e longos, movidos pela mesma indignação”. É possível perceber que o poeta não se deixa levar pelo conforto e comodismo, isto é, parecia sempre haver incômodos ao seu redor, incômodos estes que não ficavam imóveis, pelo contrário; Piva sempre esteve em movimento e suas poesias em rotação, muito embora não fosse nem um pouco linear.

Ao falar sobre como o poeta percebe a cidade em suas poesias, como a invenção de um mundo novo, devemos ficar atentos ao fato de que nem sempre foi assim, visto que, antes de *Paranóia*, o autor fazia poemas demonstrando como a cidade podia ser uma mesmice e repetição, um lugar sem instabilidade. No entanto, encontrou na repetição uma brecha para determinada invenção. E se a cidade é uma invenção, questiona-se para quem ou o que ela serve. Se a imaginação é posta em jogo freneticamente em relação a cidade, então podemos imaginá-la de diversas formas. Mas, para Piva, a cidade é de todas as pessoas, porque são dos pensamentos que vêm a “criação alucinatoria”, isto é, é preciso quebrar a ideia da narrativa já criada para a cidade e começar a formar a cidade com o próprio olhar e descobrir o que se pode fazer com nossas alucinações.

Esta cidade em que os olhos não enxergam como algo alucinatorio e criado, como Piva faz, é um lugar de violência rápida e da desorganização para propor algo além das ruínas, e em suas poesias existe a ligação entre o corpo e a natureza, com a ideia de serem um só. É nesta alucinação que os corpos nas poesias de Piva são vistos: não apenas como um mero corpo que um olhar comum pode enxergar, mas um corpo que consegue respirar além dos pulmões, com a capacidade de transitar entre as passagens que somente olhos que respiram podem ver. Com esse modo de fazer poesia, Roberto Piva acaba transformando a cidade de São Paulo, em *Paranóia*, em uma outra cidade, talvez. A memória, aqui, é colocada à posta, porque o poeta

transforma a cidade de São Paulo em alguma outra cidade existente, e não precisa ser alguma cidade real, mas existente na sua cabeça, ou talvez até mesmo em uma cidade real em que já esteve.

Há uma noção de lugar nas poesias de Piva, mas também há uma fuga no tempo, visto que o autor desloca esse lugar para colocar o espaço urbano e físico, algo palpável e material. Talvez seja a busca por um novo fim do mundo nesta transição da velocidade como procedimento. Essa velocidade é brusca, como uma força armada, e assim nos diz Paul Virilio:

Sem a violência da velocidade, a das armas não seria tão temível. Desarmar seria hoje, então, primeiro desacelerar, desarmar a corrida para o fim. Qualquer tratado que não limitar a velocidade dessa corrida (a velocidade dos meios de comunicação da destruição) não limitará mais os armamentos estratégicos uma vez que o essencial da estratégia consiste agora em manter o não-lugar de uma deslocalização geral dos meios que, apenas ela, permite ainda ganhar as frações de segundos indispensáveis para a liberdade de ação. (VIRILIO, 1996, p. 126)

O filósofo, quando analisa a perspectiva do tempo real, acredita que nossa concepção do mundo moderno é uma grande crença num suposto progresso através da aceleração do tempo, isto é, a cidade é velocidade e entender a ciência e a história como parte da lógica desta “máquina-de-guerra”, ou uma velocidade como “logística”, e tentar desfazer essa máquina é essencial para compreender o progresso que, desta maneira, é “fatal”. (VIRILIO, 1983, p. 129). E ainda, sobre sua visão:

A cidade sempre foi uma caixa de velocidades, uma espécie de caixa de câmbio. A organização das cidades são as ruas. O que são as ruas? Correrias. (...) Uma cidade não é simplesmente um lugar onde se vive, é acima de tudo uma encruzilhada. (VIRILIO, 1983, p. 66)

Segundo ele, as perspectivas do tempo real fazem com que a aceleração se torne instantânea e simultânea, e aí, o espaço deixa de ser levado como matéria física, e o espaço urbano construído, que é a cidade, se transforma em deserto, um lugar não habitado pela presença humana. É por isso que, com a transformação e invenção da cidade, é necessário encarar os aspectos velozes do tempo real.

Piva sabia que a velocidade mergulhava na cidade, e a cidade é um campo de guerra. A rotação por segundo se transforma em tanques e máquinas. Na ditadura militar no Brasil, o poeta pôde perceber que ideias como a tecnocracia eram implantadas, isto é, uma aplicação de conceitos da “engenharia social” em que a sociedade era olhada pela lente apenas dos “especialistas”:

Desse modo, a “tecnocracia” opera a partir de imperativos inquestionáveis, tais como a necessidade de maior eficácia e de maior segurança social. “A tecnocracia” é o auge da era da “engenharia social” e que acaba expandindo sua área de influência para além do complexo industrial e tenta orquestrar todo o comportamento humano: “A política, a educação, o ócio, as diversões, a cultura em seu conjunto, os impulsos inconscientes e, inclusive, como veremos, o protesta contra a tecnocracia mesma, tudo se transforma em objeto de exame puramente técnico e de manipulação puramente técnica. (ROSZAK, 1984, p. 20).

Virilio, então, assegura que é preciso pensar nosso mundo a partir de uma “coreografia” que consiga dar conta de uma “amplitude residual da extensão do mundo” (VIRILIO, 2014, p. 126), afirmando que “não significa que [este] outro horizonte é técnico. É o nosso lugar. Se você quiser é o nosso não-lugar.” (VIRILIO, 1983, p. 129) E é aqui que chegamos a um ponto de encontro entre o filósofo e o poeta Roberto Piva. Em suas poesias, Piva observa com ousadia esse chamado mundo e coloca nele uma percepção de lugar; um lugar feito de tempo e velocidade, os três juntos, e que é onde as pessoas estão. Em seu livro *Paranóia* (1963) existe um poema chamado “Paisagem em 78 R.P.M”, que significa “rotações por segundo” no mundo automobilístico, e esse nome se dá exatamente para mostrar esse lugar em que o poeta está e enxerga, e faz isso porque adere a velocidade e ao ritmo que a cidade de São Paulo – ou qualquer cidade imaginada – apenas para poder estar e ser. A cidade que antes não existia, agora é um lugar:

A criança abaixa as sobancelhas e o sorvete
sobre a cabeça de lata de Camões
esquecida atentamente nos estofos normais de um Packard
Eu sou naquela tarde um ritmo
sabendo de antemão um coração ferido

Sem ser necessariamente elogiado pelos plátanos
ou saltar das fronteiras
de São Paulo para abraçar
as redondilhas da vida pastoral
Os filantropos entraram com o pé direito
na Casa da Aventura Lansquené
e os pardais urravam nos ninhos
feitos com cabelos de Trotski (PIVA, 2005, p. 108)

O trecho apresenta uma atmosfera poética única, característica do estilo de Roberto Piva. A imagem da criança com sobrancelhas franzidas diante de um sorvete sobre a cabeça de uma estátua de Camões cria uma cena surreal e carregada de simbolismo. A referência a Camões, um importante poeta português, e à cidade de São Paulo, adiciona camadas de significado à composição. A expressão "um ritmo sabendo de antemão um coração ferido" sugere uma sensibilidade profunda e uma consciência prévia de emoções intensas. Piva parece imbuir sua experiência naquela tarde com uma conexão visceral com a vida e a poesia. A alusão aos plátanos, à vida pastoral e à entrada dos filantropos na Casa da Aventura Lansquené enriquecem ainda mais o poema, proporcionando uma fusão de elementos culturais, históricos e literários. A presença dos pardais nos ninhos feitos com cabelos de Trotski adiciona um toque de surrealismo político, incorporando elementos da realidade contemporânea de Piva. A linguagem poética e as imagens vívidas mostram a habilidade de Piva em criar um mundo poético próprio, desafiando convenções e oferecendo uma experiência de invenção de universos – ou cidades.

2.2. A VAGABUNDAGEM

A partir de uma proposição lançada pelo escritor americano Jack London (1876-1916), no livro *De vagões e vagabundos – memórias do submundo: “adormecer sobre trilhos”*, o Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima, em seu projeto de pesquisa, aponta que a questão aparece numa série de narrativas-ensaio e, ao mesmo tempo, projetada no que London chama de uma “paixão pelo socialismo”. Diz ainda que Jack London faz isso “entre memórias e circunstâncias políticas insubmissas em torno de uma ideia livre e ecológica, a *vagabundagem*, sugerindo-a como um

jogo de forças contra as inferências sistêmicas e industriais do capitalismo moderno”. Nessa perspectiva, e segundo o Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima, “num percurso da luta de algumas imagens que vêm da literatura, das artes visuais e do cinema, visa-se imaginar e percorrer o desvio crítico produzido por esse princípio e ponto de insurgência de uma ideia da *vagabundagem*, como Jack London a lê, principalmente, como uma tomada de posição política”.

Nessa perspectiva, vemos em alguns poemas de Roberto Piva esse conceito presente, elucidando o modo como os corpos encaram o mundo e se posicionam em forma de revolta e vagabundagem, que vêm sempre na direção contrária às formas de vida impostas pelo sistema capitalista. Em mais um poema de Piva, no *Paranóia*, fica nítido a maneira como o poeta usa a sua linguagem para se debruçar em temas de forma intrínseca e drástica, da melhor maneira possível:

eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas chopes
 vitrinas homens mulheres pederastas e crianças cruzam-se e
 abrem-se em mim como lua gás rua árvores lua medrosos repuxos
 colisão na ponte cego dormindo na vitrina do horror
 disparo-me como uma tómbola
 a cabeça afundando-me na garganta
 chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco ardo flutuo-me
 nas tripas, meu amor, eu carrego teu grito como um tesouro afundado
 quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de centopéias libertas
 ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas, torvelins de vergonha,
 correias de maconha em piqueniques flutuantes
 vespas passeando em voltas das minhas ânsias
 meninos abandonados nus nas esquinas
 angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos
 entre a solidão e o sangue, entre as colisões, o parto
 e o Estrondo (PIVA, 2005, p. 45)

Nesse sentido, o trecho de Piva evidencia a vagabundagem através de uma narrativa caótica e visceral, onde a multiplicidade de elementos urbanos, pessoas e situações se entrelaça de maneira desordenada. A presença de termos como "putos", "putas", "patacos", "torres", "chumbo", "chapas", "chopes", "vitrinas", entre outros cria uma atmosfera frenética e

desregrada. A descrição de figuras como "pederastas", "crianças", "homens" e "mulheres" que cruzam-se e abrem-se, juntamente com a referência a "cruzarem-se" e "abrirem-se em mim", sugere um constante movimento e mistura de identidades e destinos.

A imagem de "angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos" destaca a presença de elementos marginais e desvinculados, reforçando a sensação de vagabundagem. O cenário descrito, com "meninos abandonados nus nas esquinas", e a referência a "piqueniques flutuantes", reforça a atmosfera de caos e desordem, onde diferentes realidades coexistem de maneira desregrada. A linguagem intensa e simbólica de Piva cria uma representação impactante da vagabundagem urbana e da multiplicidade de experiências que se entrelaçam nas ruas da cidade.

Praça da República dos meus sonhos

onde tudo se faz febre e pombas crucificadas

onde beatificados vêm agitar as massas [...]

A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com paciência pela paisagem

de morfina (PIVA, 2005, p.87)

Nesse contexto, o trecho do poema de Piva (2005) adentra a temática da vagabundagem ao criar uma atmosfera caótica e decadente na "Praça da República dos meus sonhos". A expressão "onde tudo se faz febre e pombas crucificadas" insinua uma cena surreal e perturbadora, onde elementos simbólicos como febre e pombas crucificadas se entrelaçam, possivelmente representando um estado de agitação e sofrimento. A alusão aos "beatificados que vêm agitar as massas" sugere a presença de figuras culturais ou artísticas que buscam influenciar ou perturbar as pessoas de alguma forma. Essa dimensão pode ser interpretada no âmbito da vagabundagem como uma busca por liberdade ou expressão individual, manifestada de maneira desordenada e marginalizada.

A metáfora da estátua de Álvares de Azevedo sendo "devorada com paciência pela paisagem de morfina" acrescenta uma camada de decadência e desintegração. A menção à morfina pode ser entendida como um meio de escapismo da realidade ou uma tentativa de anestesiar as dores da existência, vinculando-se à vagabundagem como uma forma de resistência ou fuga do convencional. Além disso, o trecho oferece uma exploração da vagabundagem ao retratar uma cena caótica repleta de simbolismos perturbadores e elementos que indicam uma busca por liberdade, mesmo que essa busca seja expressa de maneira

marginalizada e, por vezes, autodestrutiva. Por outro lado, voltando a Paul Virilio, o filósofo e urbanista se destaca por sua abordagem crítica aos efeitos da velocidade em um mundo saturado por informações e desinformações, trazendo também pontos de vista sobre a vagabundagem. Ele não apenas associa a velocidade à produção mais rápida, mas também à destruição acelerada, especialmente após a revolução política.

Virilio vê a evolução constante da máquina de guerra como uma involução da humanidade, à medida que a produção é sobrepujada pela produção da destruição. Ele propõe uma conexão entre velocidade e política, explorada em seu livro "*Velocidade e Política*", dividido em quatro partes: A Revolução Dromocrática, O Progresso Dromológico, A Sociedade Dromocrática e O Estado de Emergência. Nesse aspecto, é importante pontuar que, o livro *Velocidade e Política*, foi pioneiro ao abordar a temática da velocidade. Poucos autores exploraram esse conceito, destacando-se Paul Morand e Kerouac na literatura. No entanto, para uma perspectiva política da velocidade, é possível mencionar Marinetti e os futuristas italianos, seguidos por Marshall McLuhan, que deram passos nessa direção. A importância de *Velocidade e Política* não reside apenas no que afirma, mas principalmente na questão que suscita.

O termo "dromologia", introduzido por Virilio, refere-se ao estudo da velocidade e à lógica da corrida. Ele destaca a importância de entrar no mundo da equivalência entre velocidade e riqueza. A redução do mundo, provocada pela revolução da informação e pela globalização, leva Virilio a afirmar que os indivíduos vivem em um constante "Estado de Emergência" devido à interconexão global. O ciberespaço é descrito como um novo continente, uma realidade suplementar que reflete a sociedade dos indivíduos, governada por uma cibernética universal, sem líderes. A análise da evolução tecnológica e sua relação com a sociedade da informação destaca a imediatidade do presente sobre o passado e o futuro. Virilio ressalta a necessidade de uma teoria da economia política da velocidade diante das ameaças da cibernética social, das telecomunicações, da internet e da automatização da interatividade. Essa economia política é considerada crucial para resistir à poluição das distâncias, muitas vezes imperceptível e invisível.

Outro ponto discutido por Virilio em sua obra supracitada é sobre a aceleração humana impulsionada por avanços tecnológicos em guerra, transporte, comunicação e informação. Nesse aspecto, Virilio argumenta que a velocidade é a base para nossa percepção, compreensão e organização do mundo. Ele observa que cada nova aceleração desencadeia transformações estéticas, epistemológicas e políticas, remodelando nossos modos de vida. A exploração de Virilio abrange processos históricos, desde tempos antigos até a era espacial atual, revelando

uma espiral de ultrapassagens, especialmente evidente no domínio militar. Seu trabalho destaca uma implosão simulada de distâncias devido aos avanços em sistemas de informação e comunicação, resultando em ramificações políticas que caracterizam nossa era.

Na perspectiva de Virilio, a velocidade se entrelaça ao poder, respondendo ao medo do Outro e gerando um ciclo contínuo de aceleração. Essa espiral de ultrapassagens altera as condições de medo ao longo do tempo, moldando a imagem do Outro. Virilio prevê que nossa era será marcada pela disseminação generalizada do terror, alimentada por uma ameaça indefinida e continuamente renovada em velocidades crescentes, instigando a urgência por um regime de poder que priorize a imediatidade. O medo e a urgência, características de nosso contexto histórico, segundo Virilio, imobilizam o pêndulo da alteridade. Essas emoções dificultam a comunicação com os Outros e impedem a autorreflexão, contribuindo para a miniaturização da tomada de decisões políticas, automação e uma mudança no conceito de política em direção ao policiamento. A compreensão de Virilio sobre a velocidade como moldadora da realidade e a subjetividade é evidenciada em artigos que destacam sua afirmação de que já não habitamos um lugar, mas a própria velocidade. Desta forma, percebe-se que essa abordagem transdisciplinar, como apresentada por Virilio, enfoca a velocidade não apenas como um conceito físico, mas como um elemento central na transformação das relações humanas e sociais. Portanto, as percepções de Paul Virilio enfatizam o papel crucial da velocidade na compreensão da crise contemporânea da alteridade, vinculando-a intrinsecamente a dinâmicas de poder, medo e urgência.

Desta forma, fica claro que, ao analisar a forma que Virilio examina a influência da velocidade, não apenas no âmbito tecnológico, mas também nas dinâmicas sociais e políticas, o autor questiona como a aceleração do tempo e a rapidez das comunicações afetam a política contemporânea, explorando os efeitos dessa velocidade na estruturação da sociedade e no poder. Relacionando isso à vagabundagem, a obra pode ser interpretada como uma reflexão sobre a busca por liberdade e expressão individual em um mundo cada vez mais acelerado e interconectado. A velocidade, conforme discutida por Virilio, pode ser vista como um elemento que desafia as normas estabelecidas, promovendo uma forma de resistência ou fuga do convencional. Assim, a vagabundagem, entendida como uma busca por autonomia e despreendimento das estruturas sociais tradicionais, encontra eco na análise de Virilio sobre a influência da velocidade na política e na sociedade.

Como exposto nesse capítulo, evidencia-se uma rica interconexão entre o universo poético de Roberto Piva, especialmente em sua obra *Paranóia*, publicada em 1963, e as

reflexões do filósofo Paul Virilio acerca da velocidade, política e sociedade. Piva, por meio de suas palavras intensas, cria um retrato caótico e visceral das ruas de São Paulo nos anos 1960, apresentando a vagabundagem como uma resposta à rigidez do sistema capitalista. Sua poesia não apenas descreve a cidade, mas a reinventa como um espaço expandido e erótico, desafiando convenções e oferecendo uma visão única da vagabundagem como uma busca por liberdade e expressão individual. A perspectiva política presente nas obras de Piva encontra eco nas análises de Virilio, que teoriza sobre a influência da velocidade na política e na sociedade contemporânea. A cidade, para Virilio, é um território político atravessado por estradas que representam linhas de corrida em uma aglomeração urbana. Essa visão converge com a abordagem de Piva, onde as ruas são mais do que meros cenários, sendo espaços de reinvenção e resistência.

Dessa forma, a vagabundagem, tal como expressa nas poesias de Piva, emerge como uma resposta à aceleração do tempo e à iminência das mudanças. As influências diversas que Piva incorpora em suas obras, desde a poesia italiana até o surrealismo, demonstram a multiplicidade de experiências que as ruas proporcionam. A cidade, iluminada pela poesia de Piva, torna-se um lugar onde a imaginação transcende as fronteiras físicas, desafiando a rigidez das estruturas existentes. Em última análise, o diálogo entre Piva e Virilio nos convida a repensar não apenas a cidade, mas toda a dinâmica contemporânea. A vagabundagem, entendida como uma forma de se movimentar no espaço urbano, torna-se um meio de enfrentar as transformações rápidas e os desafios invisíveis da sociedade moderna e do sistema capitalista. Assim, como explorado neste capítulo, a interseção entre a poesia de Roberto Piva e as reflexões de Paul Virilio oferece uma perspectiva profunda sobre a relação entre a cidade, a velocidade e a busca incessante por liberdade nas complexas teias da contemporaneidade.

3.

POLÍTICA

Os construtores, os formadores são peregrinos. Os poetas também o são, de certo modo. Há uma grande afinidade que os liga aos vagabundos. Porque são os únicos que desejam o retorno do ser como Belo. É vital conhecer a paisagem. (LLANSOL, 2000, p. 44)

3.1. A PRAÇA

A obra *Paranóia*, de Roberto Piva, conhecido por sua expressão poética intensa e surrealista, contrasta com as ideias de Paul Virilio em *Velocidade e Política*. Enquanto Virilio explora a influência da velocidade na sociedade e política, Piva abraça a desordem, ilógica e liberdade em suas palavras poéticas. A análise conjunta dessas obras pode revelar nuances entre a estrutura política moderna, influenciada pela velocidade, e a expressão individual, caótica e livre, presente nos poemas de Piva. A fusão dessas perspectivas pode oferecer insights sobre como a velocidade impacta não apenas a política, mas também a expressão artística e a liberdade.

Lá Breche (1965) ressalta que a obra *Paranóia* marca o pioneirismo como o primeiro livro de poesia delirante publicado no Brasil. Roberto Piva, cuja bagagem intelectual é profundamente influenciada pela cultura italiana, busca inspiração nos grandes clássicos da decadência, de onde emana a exuberância de imagens característica dos povos latinos. Autores como Freud e Lautréamont desempenham papéis significativos em sua obra. Ademais, a fascinação pelos neons e a alucinação provocada pela metrópole metálica, tal como retratadas nas fotografias de São Paulo integradas ao seu livro, são elementos que lhe foram transmitidos pela mais moderna literatura beat norte-americana.

Em 8 de fevereiro de 1979, na Universidade de São Paulo, ocorreu uma semana de debates dedicada às denominadas "minorias". A mesa de discussões sobre o movimento homossexual contou com a participação de Glauco Mattoso, João Silvério Trevisan e Roberto Piva, entre outros. Uma cobertura do evento foi veiculada no jornal *Lampião da Esquina*, pioneiro na reflexão sobre temas sexuais e políticos a partir da perspectiva homoerótica (Mattos, 2015).

Durante as discussões, o encontro abordava a posição do movimento gay no contexto político maniqueísta da época, destacando a discriminação enfrentada pelos homossexuais tanto pela direita conservadora quanto pela esquerda moralista. Em um momento específico, Roberto Piva, identificado como "poeta homossexual-proletário", tomou a palavra para afirmar que nos países do "bloco socialista" - como Cuba, Moçambique e Leste Europeu - existia uma considerável "liberdade sexual" (Dantas, 1979). Surpreendentemente, o poeta proletário expressava sua crença na liberdade sexual em nações comunistas ainda como exposto por Mattos (2015).

Este aspecto pouco conhecido de Roberto Piva revela sua participação como um dos "representantes" dos "homossexuais" e como "proletário". O poeta dedicou esforços incansáveis na divulgação de seu livro "Coxasno mesmo órgão" (1979, p. 17), considerado pelo jornal como "o melhor exemplo da nossa poesia". Piva, inclusive, assina uma resenha sobre a obra recém-lançada de Fernando Gabeira, "O que é isso, companheiro?" (Piva, 1979b, p. 16). Na edição de novembro, ele se pronuncia como entusiasta do comunismo e professor, recomendando o livro aos seus alunos. Piva compartilha suas experiências pessoais da época, lembrando eventos marcantes, como o famoso sequestro do embaixador americano, que o levou a afirmar aos amigos "em breve estaremos no poder...", e as manifestações na Rua Maria Antônia em 1968, entrelaçadas com "as bacanais com os secundaristas nos apartamentos da cidade".

Além disso, o poema "A Piedade", em *Paranóia* (1963), é destacada uma "piedade" como sentimento moral que, de forma irônica, une cristãos, comunistas e comerciantes. A tensão se manifesta na crítica ao moralismo de uma parte da esquerda, que, nas palavras de Roberto Piva, "adora chorar na sopa pobre sua emoção masoquista". Assim, ele mantém uma coerência em sua crítica a certas expressões da esquerda, mesmo publicando em órgãos revolucionários. Sua participação nas discussões da esquerda é marcada pela voz dissidente e uma rebeldia peculiar, destacando-se como um poeta em constante estado de guerra com o comunismo. Essa postura crítica persiste ao examinarmos o registro mais amplo de sua poética no início dos anos 1960, como evidenciado no pós-escrito de "Piazzas" (1964). Nesse texto audacioso, Piva vincula o estado militarista brasileiro ao fascismo, denunciando práticas de tortura, como o "Pau-de-Arara" e o choque elétrico, durante o golpe militar. Utilizando fundamentos de Nietzsche e Freud, ele analisa a realidade, focando no corpo e na sexualidade (Mattos, 2015).

Ainda como exposto por Mattos (2015), o "cristianismo como escola do Suicídio do Corpo" é apresentado como uma interpretação que se baseia nas ideias de Freud sobre o deus cristão como projeção da figura do Pai, estendendo-se a toda ordem autoritária. A crítica de Nietzsche ao cristianismo como menosprezo pelo corpo e pela vida também é incorporada, resultando na criação de "homens mais consumidos de ressentimento, auto-flageladores e submissos". Essa abordagem encontra paralelos com os textos previamente analisados, indicando uma consistência notável em sua visão de mundo. Dentro dessa perspectiva, analisando o contexto político descrito por Virilio, dentro do mesmo poema analisado no capítulo anterior:

Praça da República dos meus sonhos

onde tudo se faz febre e pombas crucificadas

onde beatificados vêm agitar as massas (PIVA, 2005, p. 87)

A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com paciência pela paisagem

de morfina (PIVA, 2005, p.87)

Na perspectiva política, o trecho do poema de Piva (2005) tece uma narrativa intrigante sobre a Praça da República, carregando consigo uma atmosfera de caos e decadência que serve como lente crítica para aspectos sociais e culturais. A análise dos elementos presentes nesse contexto revela nuances significativas. A descrição da "Praça da República dos meus sonhos" como um local "onde tudo se faz febre e pombas crucificadas" sugere uma atmosfera caótica e perturbadora. Este cenário pode ser interpretado como uma crítica à desordem que permeia a sociedade, seja ela social, política ou cultural. A febre simboliza agitação, enquanto as pombas crucificadas podem representar sacrifício ou opressão, denotando uma crítica à ordem estabelecida e suas consequências.

A menção aos "beatificados que vêm agitar as massas" insinua a presença de figuras culturais ou artísticas que buscam influenciar as pessoas. Esta manifestação pode ser interpretada como um ato de resistência, uma tentativa de perturbar a ordem estabelecida. A vagabundagem aqui é explorada como uma forma de viver no mundo, manifestada de maneira marginal, sugerindo uma reação contra normas sociais restritivas. Para além disso, também há a questão da alucinação. Em uma entrevista feita para a Revista Cult, pelo Fabio Weintraub, em

agosto de 2000, Piva afirma que o poema “Praça da República dos meus sonhos” foi construído a partir dos detalhes da praça, num delírio semelhante ao do paranoico, embora o poeta diga que não é um poema de alucinação persecutória.

A metáfora da estátua de Álvares de Azevedo sendo "devorada com paciência pela paisagem de morfina" adiciona uma camada de decadência e desintegração. A referência à morfina pode ser interpretada como um mecanismo de escapismo, uma tentativa de anestesiá-las as dificuldades da realidade. Essa crítica aponta para o perigo do uso de mecanismos autodestrutivos como resposta às frustrações da vida, denunciando uma sociedade que busca refúgio em fugas ilusórias. A descrição da cena caótica e repleta de simbolismos perturbadores pode ser vista como uma representação da vagabundagem como uma forma de resistência à normatividade e às convenções sociais. A busca por liberdade, expressa de maneira desordenada, sugere uma tentativa de romper com as expectativas impostas pelo sistema em que vivemos. Este ato de vagabundagem é, portanto, apresentado como uma expressão de liberdade e resistência frente a estruturas opressivas.

Em síntese, na perspectiva política, o poema de Piva oferece uma visão crítica e simbólica da Praça da República. Ao explorar a vagabundagem como uma forma de resistência e liberdade em um cenário de caos, decadência e escapismo, a obra provoca uma reflexão profunda sobre os desafios e possibilidades enfrentados pela sociedade retratada. A utilização de elementos surrealistas e simbólicos enriquece essa análise, elevando-a para além de uma mera crítica social para uma reflexão profunda sobre as complexidades da condição humana. Ainda analisando o outro poema exposto anteriormente, no capítulo anterior:

eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas chopes
 vitrinas homens mulheres pederastas e crianças cruzam-se e
 abrem-se em mim como lua gás rua árvores lua medrosos repuxos
 colisão na ponte cego dormindo na vitrina do horror
 disparo-me como uma tômbola
 a cabeça afundando-me na garganta
 chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco ardo flutuo-me
 nas tripas, meu amor, eu carrego teu grito como um tesouro afundado
 quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de centopéias libertas

ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas, torvelins de vergonha,
correias de maconha em piqueniques flutuantes
vespas passeando em voltas das minhas ânsias
meninos abandonados nus nas esquinas
angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos
entre a solidão e o sangue, entre as colisões, o parto
e o Estrondo (PIVA, 2005, p. 45)

A obra poética de Piva, permeada por uma linguagem intensa e vívida, apresenta uma visão singular do ambiente urbano, mergulhando nas complexidades da diversidade, marginalidade, sexualidade e conflitos sociais. Nesse contexto, a perspectiva política do poeta revela-se como um espelho crítico da sociedade contemporânea. A Praça da República, pintada com a presença de "putos", "homens, mulheres, pederastas e crianças", reflete a pluralidade de experiências e identidades na sociedade. O choque entre essas realidades, evidenciado pela "colisão na ponte", lança luz sobre as tensões e interações muitas vezes conflituosas presentes no tecido social, despertando uma reflexão sobre a convivência tumultuada nas cidades.

A imagem de "meninos abandonados nus nas esquinas" aponta para a vulnerabilidade de grupos marginalizados. Essa representação serve como um alerta à negligência social e à urgência de políticas que abordem as condições precárias em que alguns setores da população vivem, destacando a necessidade de um olhar crítico sobre a inclusão social e a proteção dos mais desfavorecidos. Ao incluir termos como "putos", "putas" e "pederastas", Piva celebra a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. A perspectiva política aqui é uma chamada à aceitação da multiplicidade de experiências, desafiando normas tradicionais e promovendo a inclusão em uma sociedade mais diversificada e acolhedora.

A metáfora da "colisão na ponte" e o termo "Estrondo" oferecem uma interpretação simbólica dos conflitos sociais e políticos. Essas imagens podem representar as tensões presentes na esfera urbana, destacando a necessidade de políticas públicas para superar as barreiras que podem surgir entre diferentes estratos sociais. Expressões como "ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas" sugerem um tom de protesto e revolta. Piva pinta um cenário de agitação social, representado por "torvelins de vergonha" e "vespas passeando em voltas das minhas ânsias", evocando a ideia de uma sociedade em constante movimento, onde a

indignação pode ser a força motriz para mudanças políticas significativas. Nesse sentido, a poesia de Piva oferece uma perspectiva política envolvente e crítica, mergulhando nas complexidades da vida urbana. Seu olhar agudo sobre a diversidade, marginalidade, sexualidade e conflitos sociais convida a uma reflexão profunda sobre a interseção entre arte, política e sociedade, desafiando-nos a repensar as dinâmicas políticas presentes em nossos espaços urbanos.

3.2. A MÁQUINA DE GUERRA

Na obra *Velocidade e Política*, de Paul Virilio, a política é explorada como intrinsecamente ligada à evolução tecnológica e à velocidade. Virilio considera a velocidade não apenas como um meio de produzir mais rapidamente, mas também como um valor fundamental desde o advento da revolução política. O autor destaca que a velocidade não se limita à esfera da produção, incluindo a capacidade de destruir de forma acelerada. A análise de Virilio revela como a evolução da máquina de guerra, impulsionada pela velocidade, pode ser interpretada como uma involução da humanidade. Ele argumenta que, à medida que a produção é suplantada pela produção da destruição, a sociedade experimenta transformações políticas significativas. A obra destaca como a aceleração tecnológica afeta não apenas a produção, mas também desencadeia mudanças sociais e econômicas significativas. Virilio examina as consequências quando a atração terrestre é superada, resultando em uma sociedade moldada pela velocidade.

Ao analisar a evolução da máquina de guerra sob a perspectiva de Paul Virilio, torna-se evidente como a ênfase na velocidade pode ser interpretada não apenas como um avanço tecnológico, mas como uma involução da humanidade, com profundas implicações políticas, econômicas e sociais. Virilio argumenta que à medida que a produção é eclipsada pela produção da destruição, as bases da sociedade sofrem transformações significativas. Do ponto de vista político, a ascensão da velocidade na máquina de guerra pode desencadear uma corrida armamentista global, onde nações buscam constantemente vantagens estratégicas. Nesse cenário, a superioridade tecnológica, especialmente em termos de velocidade, se torna uma moeda de troca crucial no tabuleiro geopolítico.

A análise sugere que essa "involução" da humanidade pode conduzir a mudanças políticas marcantes. A centralização do poder nas mãos de instituições militares, a possibilidade de erosão das liberdades civis em nome da segurança e uma reconfiguração das estruturas

sociais são cenários plausíveis. A sociedade, ao priorizar a produção destrutiva, pode inadvertidamente moldar seu tecido político em prol da eficiência militar, comprometendo valores democráticos e direitos individuais. No âmbito econômico, a aceleração tecnológica na máquina de guerra pode acarretar implicações profundas. A alocação maciça de recursos para a indústria de defesa em detrimento de setores produtivos pode resultar em desequilíbrios econômicos, desemprego significativo e uma perigosa dependência do complexo militar-industrial. Essa corrida incessante pela velocidade também pode intensificar as desigualdades globais. Países capazes de desenvolver e adotar tecnologias militares avançadas podem consolidar uma vantagem desproporcional, agravando disparidades de poder e influência entre nações.

Além disso, a análise de Virilio lança luz sobre desafios éticos cruciais. A velocidade na evolução da máquina de guerra levanta questões profundas sobre o uso de tecnologias como drones e armas autônomas. O debate em torno da moralidade das ações militares, da proteção dos direitos humanos e da necessidade urgente de regulamentações internacionais torna-se premente diante dessa nova realidade tecnológica. Consequentemente, a sociedade moldada pela velocidade pode tornar-se mais propensa a conflitos rápidos e decisivos, alterando as estratégias de segurança nacional e internacional. As dinâmicas diplomáticas enfrentarão novos desafios, demandando abordagens inovadoras para a prevenção e resolução de conflitos.

Assim, a análise de Virilio destaca a interconexão entre a evolução tecnológica na máquina de guerra, a priorização da velocidade e as transformações políticas e sociais. Esta perspectiva crítica oferece uma lente esclarecedora para examinar como a tecnologia, quando impulsionada pela busca desenfreada da velocidade, pode redefinir não apenas o cenário político global, mas também os fundamentos da sociedade moderna. Dentro da perspectiva política delineada por Paul Virilio, a assertiva de que a evolução da máquina de guerra, impulsionada pela velocidade, representa uma involução da humanidade, é reveladora e incita uma reflexão profunda sobre as implicações políticas do progresso tecnológico acelerado.

O cerne da análise de Virilio reside na ideia de que a velocidade na máquina de guerra não é meramente uma característica técnica, mas sim um fator que molda profundamente as estruturas políticas da sociedade. Ao argumentar que a busca incessante pela velocidade na produção destrutiva conduz a uma involução, Virilio sugere que as prioridades políticas estão sendo distorcidas, movendo-se para um paradigma onde a eficiência militar assume uma posição de destaque em detrimento de considerações mais humanas e construtivas. Nesse contexto, a involução proposta por Virilio pode ser interpretada como uma mudança na

orientação política, onde a sociedade, ao priorizar a tecnologia focada na velocidade, pode inadvertidamente sacrificar valores democráticos e direitos individuais em nome da eficácia militar. A centralização do poder nas mãos de instituições militares, a possibilidade de um estado de vigilância mais intrusivo e a supressão de dissidências podem ser consequências diretas dessa transformação política.

Além disso, a análise crítica de Virilio oferece insights sobre como a aceleração tecnológica na máquina de guerra pode influenciar a dinâmica geopolítica. A superioridade tecnológica, especialmente em termos de velocidade, pode se tornar uma moeda de troca nas relações internacionais, impactando a distribuição de poder e a estabilidade global. Isso pode levar a uma corrida armamentista global, com nações competindo para alcançar e manter uma vantagem tecnológica significativa. A proposta de involução também ressalta a necessidade de considerações éticas dentro do panorama político. A velocidade na evolução da máquina de guerra levanta questões sobre o uso ético da tecnologia militar avançada, exigindo um exame crítico das práticas militares e políticas de segurança. O debate sobre a legitimidade de ações militares rápidas e decisivas, bem como o equilíbrio entre segurança e direitos humanos, ganha destaque nesse contexto.

Desta maneira, a perspectiva política de Virilio destaca a interligação entre a velocidade na máquina de guerra e as mudanças políticas profundas na sociedade. A análise crítica oferece uma visão penetrante sobre como o progresso tecnológico acelerado não é um fenômeno neutro, mas sim um motor de transformação política que exige uma avaliação cuidadosa de suas implicações para a humanidade e suas estruturas políticas. A articulação entre velocidade e política se torna um elemento central na compreensão da obra de Virilio. O autor examina como a teoria política pode ser moldada pela concepção da corrida, apresentando uma arquitetura temporal única que redefine as relações políticas. Além disso, o filósofo explora como a velocidade impacta a memória coletiva, questionando como a aceleração constante influencia a forma como percebemos e nos relacionamos com o passado.

Portanto, como exposto nesse capítulo, evidencia-se uma fascinante interseção entre a obra *Paranóia*, de Roberto Piva, e as reflexões de Paul Virilio em *Velocidade e Política*. O contraste entre a expressão poética intensa e surrealista de Piva e as análises de Virilio sobre a influência da velocidade na sociedade e política revela uma convergência intrigante. A perspectiva política de Piva, como manifesta em *Paranóia*, destaca-se por sua abordagem caótica e livre, celebrando a desordem e a ilógica como formas de resistência à rigidez do sistema capitalista. Em particular, seu envolvimento em debates sobre o movimento

homossexual, como evidenciado na cobertura do evento na Universidade de São Paulo, revela uma faceta menos conhecida de sua participação como "representante" dos "homossexuais proletários". Sua visão crítica sobre o comunismo, expressa de forma dissidente e rebelde, destaca a complexidade de sua postura em relação à política da época e a sua posição como anarquista.

Ao explorar o livro *Paranóia* e sua representação da Praça da República, a análise política de Piva emerge como uma crítica vibrante e simbólica da sociedade contemporânea. A descrição da praça como um espaço onde "tudo se faz febre e pombas crucificadas" sugere uma atmosfera de agitação e resistência. As imagens de "homens, mulheres, pederastas e crianças" atravessando-se nas ruas destacam a diversidade e a complexidade das experiências urbanas. Por outro lado, a obra de Virilio explora a política sob a ótica da velocidade, apresentando-a como um componente fundamental na evolução tecnológica e na máquina de guerra. A ideia de "involução" proposta por Virilio, onde a busca incessante pela velocidade na produção destrutiva pode distorcer as prioridades políticas, oferece uma lente crítica para avaliar os desafios éticos, econômicos e geopolíticos.

A análise de Virilio destaca como a aceleração tecnológica pode conduzir a mudanças políticas profundas, desencadeando uma corrida armamentista global e reconfigurando estruturas sociais e econômicas. As implicações éticas, especialmente no contexto do uso de tecnologias militares avançadas, emergem como preocupações cruciais. A velocidade na evolução da máquina de guerra, conforme argumentado por Virilio, não é apenas um avanço técnico, mas uma força que pode moldar fundamentalmente as relações internacionais e a dinâmica política global. Ao integrar essas duas perspectivas — a visão crítica e simbólica de Piva sobre a Praça da República e a análise de Virilio sobre a velocidade na política —, abre-se um espaço para uma compreensão mais profunda das interações entre a expressão artística, a resistência social e as transformações políticas. Essa interseção, marcada por críticas à normatividade e à busca por liberdade, desafia a visão convencional da política e convida a uma reflexão mais ampla sobre as complexidades da sociedade contemporânea.

Dessa forma, ao finalizar este capítulo, o diálogo entre a obra de Roberto Piva e as reflexões de Paul Virilio destaca-se como um campo fértil para explorar as interseções entre a expressão individual, a resistência social e as dinâmicas políticas em constante evolução. Essa análise conjunta proporciona uma visão mais abrangente das complexidades da contemporaneidade, convidando o leitor a repensar não apenas a poesia e a política, mas também a própria natureza das interações humanas em um mundo em constante transformação.

4.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, nota-se que o livro de poemas *Paranóia* (1963), de Roberto Piva, se revela como uma forma de se posicionar no mundo. O poeta narra, em suas poesias, através das reflexões do filósofo Paul Virilio, as consequências de uma política da velocidade e seus males. Nessa perspectiva, foi possível perceber como a máquina de guerra e a corrida são freadas pela revolta e vagabundagem, apontada por Jack London, como “um jogo de forças contra as inferências sistêmicas e industriais do capitalismo moderno”.

Assim, foi possível elaborar um material capaz de observar um dos pontos discutido por Virilio em sua obra supracitada, que é sobre a aceleração humana impulsionada por avanços tecnológicos em guerra, transporte, comunicação e informação. Nesse aspecto, Virilio argumenta que a velocidade é a base para nossa percepção, compreensão e organização do mundo. O autor observa que cada nova aceleração desencadeia transformações estéticas, epistemológicas e políticas, remodelando nossos modos de vida.

Por fim, este trabalho pretende manifestar como o poeta Roberto Piva incorpora a radicalidade da experiência do corpo com o espaço numa disposição livre, aberta e expandida, com o entendimento de que houve a aprendizagem de leituras críticas e da importância do pensamento do poeta numa discussão interdisciplinar entre literatura e outras artes, memória e política, e então a compreensão da ideia da “viagem até a rua como morada” – a vagabundagem – a partir dos mais diferentes jogos e expressões da linguagem, a fim de que consigamos compreender que determinado termo pode estar ligado às artes e à política, de modo que não precisamos ter um corpo aprisionado para fazer literatura, e que o *vagabundo* aparece como um contraponto ao modelo sistêmico produzido pelo capitalismo indômito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. [Obras Escolhidas; v. 3]

_____. **Escritos sobre mito e linguagem**. Trad. Susana K. Lages et al. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Linguagem**. Tradução Literatura. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2015.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. [Obras Escolhidas; v. 1]

_____. **O capitalismo como religião**. Trad. Nélcio Scenheider. São Paulo: Boitempo, 2013.

BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita 1, A palavra plural. Trad. Aurélio Guerra Neto. Vol. I. São Paulo: Escuta, 2001.

CABO, Ricardo Matos [Org.] **Cem mil cigarros - os filmes de Pedro Costa**. Lisboa, Orfeu Negro, 2009.

CARDOZO, Joaquim. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2011.

CARVALHO, Flávio. **Os ossos do mundo**. São Paulo: Antiqua, 2005.

CAVALLETTI, Andrea. **Classe: uma ideia política sob o signo de Walter Benjamin**. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Antígona, 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COHN, S. **Roberto Piva por Sergio Cohn**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FAUSTINO, Mário. **Cinco ensaios sobre poesia**. Rio de Janeiro: GRD, 1964

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

La Brèche: action surréaliste. n. 8, novembro de 1965. Disponível em: http://melusine.univparis3.fr/LaBreche/La_Breche_8.htm. Acesso em: 20 nov. 2023.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Onde Vais, Drama-Poesia?** Lisboa: Relógio D'água, 2000.

LONDON, Jack. **De vagões e vababundos – memórias do submundo**. Trad. Alberto Martins. Porto Alegre: LP&M, 1985
 LOPES, Silvina Rodrigues. *Anomalia Poética*. Lisboa: Vendaval, 2005.

_____. **Exercícios de Aproximação**. Lisboa: Vendaval, 2003.

_____. **Literatura, defesa do atrito**. Lisboa: Chão da Feira, 2013.

MATTOS, R. M. **Roberto Piva: 'poeta homossexual-proletário'**. O Guari (União da Vitória) v. 1, p. 1-20, 2015.

NOVARINA, Valére. **Diante da palavra**. Trad. Ângela Leite Lopes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Org. Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PASOLINI, Pier Paolo. **As últimas palavras do herege**. Trad. Luiz Nazário. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERLONGHER, Néstor. **Lamê**. 1ª edição, 1994. Unicamp. São Paulo.

PASOLINI, Pier Paolo. **La Divina Mimesis**. Mondadori. 2019.

PIVA, Roberto, 1937 **Paranóia I** Roberto Piva; fotografado e desenhado por Weslcy Duke Lee. - 2' - São Paulo: Instituto Moreira Salles e Jacarandá, 2000.

_____. **O hino do futuro é paradisíaco**. *Versus* – um jornal de política, cultura e idéias, n. 23, julho/agosto, 1978a, p. 36.

_____. **O Mississipi no Amazonas**. *Versus* – um jornal de política, cultura e idéias, n. 20, abril/maio, p. 30, 1978b.

ROSZAK, T. **El nacimiento de una contracultura. Reflexiones sobre la sociedad tecnocrática y su oposición juvenil**. Tradução: Angel Abad. Barcelona: Editorial Kairós, 1984.

VIRILIO, Paul. **Guerra e Cinema**. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: 34, 1999.

_____. **Un paisaje de acontecimientos.** Trad. Marcos Mayer. Buenos Aires: Paidós, 1997.

_____. **Velocidade e Política.** Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.